

**13 Seminário de Extensão****CULTURA E HISTÓRIA NO BRASIL MESTIÇO: REFLEXÕES ORIUNDAS DA EXPERIÊNCIA NO AMAPÁ OPERAÇÃO OIAPOQUE DO PROJETO RONDON I****Autor(es)**

ANGELA BROLIO

Co-Autor(es)

ANGELA BROLIO

Orientador(es)

MÁRCIA APARECIDA LINA VIEIRA

1. Introdução

Imersos numa cultura mestiça, constituída pelo encontro conflituoso entre diferentes formações culturais, e ainda que se desconsidere a posição de um indivíduo na sociedade, sua profissão ou tendências políticas, este sempre estará em contato com influências diretas de elementos do passado que emergem por um lado, através de fontes escritas e de outro, por manifestações populares, presentes no cotidiano, tais como música, danças e outras manifestações típicas, como no presente caso, do carimbó e da marujada. Esses eventos, observados no município do Amapá, no Estado do Amapá, constatou-se que se encontram presentes nas mais variadas foras, sob os mais diferentes nomes, e mesmo com similares contornos, oferecidos pela resistência e transgressão resultantes de processos de relação de poder, muitas vezes consentida pela elite com o intuito flagrante de amortecer conflitos presentes na História do Brasil.

2. Objetivos

Com base nisso, este artigo pretende apresentar reflexões acerca da experiência na cultura amapaense, valendo-se da vivência no Projeto Rondon. A autora, como discente do curso de História, destaca o objetivo de apontar conexões entre essa experiência de extensão com teóricos escolhidos por ela, que atuam nessa área do conhecimento através de diferentes abordagens. Decorrendo então síntese entre cultura e História como se quer analisar, de forma à expor a atuação do sujeito na História em suas práticas no cotidiano, que estabelecendo tradições, impôs novas práticas ao meio social ao qual foi inserido, meio que retratava estruturas pertencentes a culturas distintas, e sem conexões históricas na maioria das vezes. O folclore estaria inserido nesse tema, e para o historiador Carlo Ginsburg (1991), a recusa que supostamente Levi Strauss (1955) atribui à historiografia seria superficial, pois o mesmo faz eco à famosa fase de Karl Marx (1852), que sendo pautada pela ambiguidade atribui aos historiadores à esfera da consciência (Os homens fazem a História) e aos antropólogos e sociólogos a questão do inconsciente e do subjetivo (mas não sabem que a fazem). É seguindo essa linha de pensamento que se pretende explorar as percepções obtidas no Projeto, valendo-se de prática e teoria. Com esses conceitos, durante a viagem realizada ao município Amapá, no Estado do Amapá, pode ser verificado in loco a manutenção de tradições, principalmente do carimbo, com incidência em outros estados da região, mas manifestando-se com as mais diferentes plasticidades em diferentes regiões, caracterizadas certas localismo que se legitima através dessas heterogeneidades. Há relatos extraídos de representantes da tradição que afirmam e reivindicam a origem da dança, onde o ritmo se generalizado, incorporando tendências eletrônicas e possibilitando a interferência de tendências que geram novos ritmos, ainda com o nome carimbó.

3. Desenvolvimento

É possível perceber heterogeneidade nas mais distintas manifestações populares, principalmente na região norte do Brasil, contudo ao se observar mais atentamente as nuances desse fenômeno, pode-se retirar singularidades. E, ainda ter que isto tenha ocorrido pela inserção de culturas estrangeiras como a negra, que foi consequência do tráfico de escravos, bem como a imposição da cultura europeia, através do colonizador que atuou em territórios, onde o modo de vida era predominantemente indígena. Segundo Vaifaz e Souza(2002), a tríade indígena-branca-negra, em contato em determinados momentos do processo histórico de formação identitária nacional brasileira, adaptou-se e ajustou-se em diversos meios, superando a violência do colonizador e estabelecendo novas vias e modos de vida. No caso dos negros, e em relação aos povos indígenas, nas suas mais variadas etnias, nota-se a adaptação às novas informações que estavam sendo recebidas através do contato com o branco. Para os mesmos autores, Vaifaz e Souza (2002), foi diante desses pressupostos, da imposição de cultura europeia, como o cristianismo e outros elementos que fazem menção à práticas pagãs, referindo-se aos cristãos novos enviados ao novo mundo, e a cultura africana, também em suas diversas etnias em contato com as práticas indígenas que uma terceira via se formou, e se estabeleceu, hoje é a cultura brasileira, mestiça. A cultura denominada indígena, que já se encontrava nos territórios agora por europeus, em resultado a esse contato, essas duas etnias estabeleceram novos meios de se conceber o cotidiano, e expressá-lo de melhor maneira em contrapartida das imposições, onde podemos constatar que os movimentos de resistências tiveram o objetivo de perpetuar tradições, onde a religiosidade teve sua importância ao ceder às intervenções, gerando uma cultura apegada à exteriorizações extremamente plásticas, e sem uma nítida separação entre o sagrado e o profano. (Vaifaz e Souza, 2002). Quando no Brasil, no período colonial, se dava essa singularidade da mestiçagem cultural brasileira, caracterizado pela profusão de elementos e reinvenção de dinâmicas que caracterizariam a cultura brasileira. Essas manifestações coletivas da cultura popular brasileira estão presentes principalmente nas festas, que desempenham papel significativo na criação de uma cultura dirigida para a manutenção da ordem, fazendo parte de um processo político evangelizador de legitimação do sistema, outrora colonial, segundo Maravall (1975). Essas festas tinham por principal alegoria aparatos simbólicos que representavam essa amálgama cultural, devidamente dispostas, onde se percebe a presença da mestiçagem e seus diferentes resultados pelo Brasil, onde são importantes essas exteriorizações tanto para a manutenção da ordem quanto para subvertê-la, na tentativa de dar continuidade à tradições ancestrais, trazida de terras distantes. O processo de adaptação torna-se permanente, onde elementos externos advindos de mídias atuais e expressões de massa que tem o objetivo de tornar essa tradições o mais coerente possível ao contexto mais atual, agradável a todas as faixas etárias, resultando em adaptações culturais. Bandas populares como o Calypso são exemplos dessa transformação, onde percebe-se que o processo histórico de influências, resistência e adaptação. Tríduos, missas pontifícias, procissões, iluminações das cidades, congadas, cavalhadas, capoeiragem, carimbó, festa do divino, entre outras praticas ate hoje trazem artifícios engenhosos que eram usados nos conflitos que envolviam as culturas distintas que em determinados momentos se convergem numa amalgama capaz de absorver essas heterogeneidades e transforma-las em uma via de solidariedade, por mais que se esteja encontrem cingidas tentativas de imposição por um lado e de resistência por outro. Esses temas, muito embora e evidentemente vinculados à Sociologia e Antropologia, que tem a capacidade de interceptar outros pressupostos capazes de fornecer maior conhecimento acadêmico dessas manifestações sociais, no viés da História pode-se observar as concausas dessas manifestações em uma sociedade, importantes dados para a formação de bases estruturais, numa dimensão mais ampla e desprovida de conceitos etnocêntricos pré-estabelecidos, que levam em conta apenas expressões binária e dicotômicas, onde se observa essas características principalmente nas áreas do ensino de História, onde certas informações podem privilegiar a supremacia de certos grupos. De acordo com Dosse (2007), existe uma ciência unitária localizada na intercessão entre ciências tidas como heterogêneas, possibilitando um maior entendimento do desenvolvimento humano, ao mesmo tempo universalizando e estruturando o conhecimento, fragmentando conceito e preservando aspectos singulares existentes em cada expressão. A possibilidade de entrar em contato com localidades e culturas distintas traz a experiência da observação de várias culturas e expressões que acabam por estabelecer uma via de expressão, com diferenciais decorrentes do processo de contato entre culturas. Essas singularidades tem aspecto fundamental na afirmação de identidade local. Ao se examinar determinadas fontes, não escritas principalmente, considera-se também a interação com os formadores dessas culturas, podemos pensar numa estrutura mais profunda, obtendo análises de estruturas mentais invisíveis, como cita Ginsburg (1991). Entende-se por esse conceito que se é possível obter conhecimento de registros não escritos, ou mal documentados, principalmente de expressões populares detentoras de elementos comuns, ou seja vários passados existentes dentro de um processo histórico que estariam mesclados em estruturas culturais profundas. Sendo assim, culturas que historicamente não tiveram conexões documentadas, e que em determinado momento acabou por construir um patrimônio humano gerado a partir de forças que permitiram mobilidade, ou seja, a imposição contra a resistência, dado o abandono de antigas estruturas já não mais convenientes, ocorrendo daí o processo de redefinição e desconstrução de processos outrora considerados estagnados. Para Ginsburg, (1991), as análise estruturais tem importância fundamental, pois torna inteligíveis fenômenos superficialmente homogêneos, e evidencias suas unidades tendo como sustentação além de dados documentados, a experiência da compreensão de que procedimentos mecanicistas de pesquisa não criam espaço para a análise estrutural da difusão de patrimônios culturais, pois esse tipo de percepção conduz a uma condição estática de interpretação, onde o contexto espacial e cultural é bem mais vasto do que uma perspectiva linear e continua pode oferecer.

4. Resultado e Discussão

Essa relação entre História-Sociologia-Antropologia traz o confronto repetido entre mitos homólogos ligados a culturas não conectadas historicamente, ou pelo menos sem conexões documentadas. As análises estruturais convergiriam para História, quando dados empíricos forem considerados construções humanas oriundas de um determinado período histórico, e para além disso, como cita Ginsburg (1991), fosse possível captar estruturas mais profundas, onde se é possível perceber um patrimônio comum. Esse patrimônio teria sido gerado a partir de relações de força que gerariam a mobilidade, a partir da contradição, onde a imposição encontra a resistência, logo a superação, que se dá no abandono de antigas estrutura já não usuais, ocorrendo o processo de movimentação, onde novos centros se redefinem e causando influências uns sobre os outros, como no caso das simultâneas adaptações que as culturas ameríndias, negra e europeia sofreram ao se depararem num ambiente tido como hostil em determinado período histórico, para a maioria desses grupos.

5. Considerações Finais

A vivência essas formas de expressão da região norte, tidas como divergentes das demais regiões, permitiu a articulação entre o que se orienta e absorve na Academia à experiência do Projeto Rondon, onde foi possível o desenvolvimento da ideia da desconstrução de mitos, recorrentes tanto na educação formal quanto no imaginário popular, onde o que se é escrito e o que se expressa de forma não escrita acabam por construir as bases de uma identidade nacional, muitas vezes formada por elementos decorrentes de projetos que inviabilizam uma expressão que possibilite a percepção de heterogeneidade entre as localidades influenciadas por elementos comuns, aproximando realidades e mantendo singularidades, diferente da ideia recorrente de globalização por vias midiáticas. No Amapá, com seu carimbó, único e legítimo, segundo seus praticantes, com mitos sobre as especulações sobre Cabralzinho, considerado herói nacional da região, o folclore da mulher serrana, a festa da gurijuba, entre outras formas de manutenção de identidade, por mais singelas que possam parecer, realmente mantêm o diferencial e se fazem como referencia em questão de cultura, assim como outros centros, que trazem por referencia as suas indústrias, economia, outras formas de culturas e suas adaptações, enfim, tudo que seja plausível de enfatizar o diferente, dada a necessidade perene da distinção.

Referências Bibliográficas

Dosse, Françoise. A História do Estruturalismo, São Paulo, Ed. Edusp, 2007. Foucault, Michel. A Microfísica do Poder, São Paulo, Editora Graal, 2002. Ginsburg, Carlo. Historia Noturna, São Paulo, Companhia das Letras, 1991. Maravall, Jose Antonio. A Cultura Barroca, São Paulo, Ed. Edusp, 1975. Marx, Karl. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte, 1852. Vainfaz, Ronaldo Vainfaz e Juliana Beatriz de. Brasil de Todos os Santos, Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2002.